



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

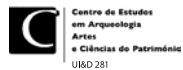
ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

APONTAMENTOS SOBRE O MONUMENTO MEGALÍTICO DA BOUÇA DA MÓ 2, BALUGÃES, BARCELOS (NOROESTE DE PORTUGAL)

Luciano Miguel Matos Vilas Boas¹, Vitor Dias²

RESUMO

O presente trabalho pretende dar a conhecer ainda que de uma forma preliminar alguns dados sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó localizado em Balugães, Barcelos. Este monumento foi intervencionado em 2004 após ter sido grosseiramente mutilado à revelia das entidades competentes o que originou posteriormente uma intervenção arqueológica, a qual possibilitou a recolha de dados interessantes demonstrando uma longa diacronia de utilização desde o Neolítico, período da sua construção e posteriores reutilizações e/ou revisitações durante o Calcolítico, Idade do Bronze e talvez também durante a Idade do Ferro.

Palavras-chave: Neolítico; Megalitismo; Reutilização; Calcolítico; Idade do Bronze.

ABSTRACT

This paper aims to provide some preliminary information on the megalithic monument of Bouça da Mó, located in Balugães, Barcelos. This monument was intervened in 2004 after having been grossly mutilated without the knowledge of the competent authorities. This led to an archaeological intervention, which made it possible to collect interesting data demonstrating a long diachrony of use from the Neolithic period, when it was built, and subsequent reuses and/or revisits during the Chalcolithic, Bronze Age and perhaps also during the Iron Age.

Keywords: Neolithic; Megalithism; Reuse; Chalcolithic; Bronze Age.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se no âmbito da tese de doutoramento ainda em fase de execução, que se intitula “Paisagens mortuárias durante a Pré-história Recente nas bacias hidrográficas dos rios Lima e Neiva, noroeste de Portugal”.

O monumento megalítico da Bouça da Mó 2 foi detetado e escavado no ano de 2004, pelo arqueólogo Vítor Dias, segundo signatário deste trabalho, no âmbito do acompanhamento arqueológico da execução do Ramal Industrial de Gás Natural de Viana do Castelo. Durante o desenrolar da obra e à revelia da entidade que procedia ao acompanhamento arqueológico, o monumento foi seriamente afetado em parte da câmara funerária, pela abertura de uma vala, através de meios mecânicos.

Face a este acontecimento o arqueólogo responsável pelo acompanhamento arqueológico comunicou o sucedido à tutela e encetou as necessárias diligências para que fossem tomadas medidas compensatórias. É no seguimento deste processo que foi efetuada uma escavação arqueológica, já no ano de 2005, com o objetivo de registar o que restava do monumento. Desde então o estudo materializado em relatório aguarda publicação com calendarização para dezembro de 2023, no volume 2 dos Cadernos de Neiva, sob a coordenação de Tarcísio Maciel e edição da GEN – Casa do Povo de Durrães.

Quanto à metodologia empregue deve referir-se que, primeiramente, se efetuou a limpeza dos perfis estratigráficos resultantes da abertura mecânica da vala que mutilou o monumento. Esta limpeza permitiu aferir a existência de uma couraça lítica a revestir

1. Universidade do Minho / Lucianomvb@gmail.com

2. Museu Nacional de Conímbriga / vitordias@mmconimbriga.dgpc.pt

o montículo. Foi também possível confirmar a existência de uma câmara funerária. Posteriormente, foi efetuada uma decapagem da couraça e a escavação da área central.

Com este texto pretende-se dar a conhecer, de forma preliminar, a longa diacronia deste monumento megalítico criando as bases para a sua biografia.

2. LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E CONTEXTO FÍSICO

O sítio da Bouça da Mó 2 localiza-se na freguesia de Balugães, Concelho de Barcelos, distrito de Braga e tem como coordenadas no sistema WGS 84 41° 38' 02.03'' N, 8° 38' 41.02'' O e encontra-se à altitude de 82 metros.

O monumento megalítico localiza-se no topo de uma pequena colina, pouco proeminente, existente no vale do rio Neiva, a cerca de 250 metros a norte deste. O substrato geológico da área é composto por rochas graníticas, hercínicas (do período Paleozoico – Câmbrio e do Silúrico) e, também, por outras rochas plistocénicas e holocénicas, nomeadamente terraços fluviais, existentes nas imediações (Teixeira e Medeiros, 1969).

O curso do rio Neiva, na área da Bouça da Mó, insere-se na zona 2 e tem um canal de tipo D/C, segundo a classificação atribuída por Oliveira e Alves (2011), revelando ora múltiplos canais, barras móveis, erosão, deposição, grande fornecimento de sedimentos, margens erodíveis, ora um canal meandriforme, barras de meandro, planícies de inundação bem desenvolvidas, com margens estáveis ou instáveis (Oliveira e Alves, 2011).

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Nas zonas circundantes ao monumento megalítico da Bouça da Mó 2, localiza-se o monumento megalítico da Bouça da Mó 1, também em área de vale. Este tem cerca de 19,30 metros, no sentido norte-sul, e cerca de 19,90 metros, no sentido este-oeste. Revela uma nítida cratera de violação, com cerca de 4,20 metros, no sentido norte-sul e cerca de 4 metros, no sentido este-oeste. No interior desta é visível um ortostato com as seguintes dimensões: 0,70 metros de altura, 1,40 metros de largura, 0,25 metros de espessura máxima. Implantados, especialmente, em zonas de maior altitude, estão identificados diversos outros monumentos megalíticos, conhecidos como

mamoas, mámuas ou arcas (como a necrópole megalítica do Bustelo, a 16 km para nordeste).

Para o Calcolítico não se conhece nenhuma estação arqueológica nesta área. Já, durante a Idade do Bronze a ocupação do território ter-se-á incrementado. Não muito distante, a cerca de 900 metros para nordeste, foi encontrada a cista / sepultura de S. Paio de Balugães, atribuível ao Bronze Inicial (Veiga, 1891; Magalhães, 2016: 72-74). A cerca de 3,5 kms para sudoeste foi identificada e escavada a necrópole da Chã de Arefe, integrada, também, na Idade do Bronze Inicial (Silva *et al.*, 1984:49-61).

Num raio de 5 km, não muito distante deste monumento foram identificados quatro sítios (povoados?) com materiais cerâmicos de fabrico manual, pastas arenosas e cozeduras redutoras e alguns fragmentos de moinho manuais, em granito, que apenas podemos inserir na Pré-história Recente.

Já da Idade do Ferro são conhecidos diversos povoados fortificados a saber: S. Simão; Crasto; Castelos; Citânia da Carmona, entre outros, o que demonstra que toda esta região foi intensivamente povoada e humanizada desde a Pré-história Recente.

4. ESCAVAÇÃO

4.1. Metodologia

Após a afetação deste monumento pela abertura de uma vala para implantação de condutas do gasoduto deu-se a limpeza e reinterpretação da estratigrafia então deixada a descoberto.

Os trabalhos de escavação iniciaram-se com a desmatação da área a intervencionar. De seguida, foi implantada uma malha quadricular com a orientação nordeste-sudoeste e sudeste-noroeste, tendo, o primeiro eixo, 14 metros de comprimento e o segundo, 12 metros, subdividido por quadrados de 2 metros por 2 metros. A área de escavação foi subdivida em dois setores que se justificavam pelo facto de existir um muro de divisória de propriedade que passava sobre parte do montículo. Estes foram designados por flanco nordeste e flanco sudoeste, correspondendo o eixo NE-SW, designado pelas letras de A a F e o eixo SE-NW identificado por números de 1 a 7 (Dias, 2005) (Fig. 3).

A escavação processou-se utilizando o método Harris (Dias, 2005) designando-se cada uma das unidades sedimentares por unidade estratigráfica.

Os sedimentos escavados foram crivados, no entanto, não foi possível crivar os sedimentos revolvidos

por meios mecânicos, durante a fase de execução da obra.

No decorrer dos trabalhos foram recolhidos sedimentos, especialmente da UE 03, por esta não apresentar indícios de perturbação e aparentar o uso do fogo em momento prévio à construção do monumento megalítico. Estes sedimentos poderão vir a ser utilizados para diversos tipos de análises.

4.2. Estratigrafia (flanco nordeste)

Neste quadrante foram identificadas quatro unidades estratigráficas: a UE 01, de formação contemporânea, associada à obra; a UE 02, de matriz areno-argilosa, coloração castanha-escura, pouco compacta e pouco uniforme, com presença de fragmentos líticos e cerâmicos pré-históricos; a UE 03, também de matriz areno-argilosa, de coloração castanha muito escura, compacta e uniforme, que cobria o substrato rochoso, ao qual foi atribuída a UE 04 (Dias, 2005: 26-27).

4.3. Estratigrafia (flanco sudoeste)

Também neste flanco foram identificadas, escavadas e registadas quatro unidades estratigráficas: uma primeira de formação contemporânea, associada à obra (UE 01); uma segunda (UE 02) caracterizada por sedimentos de matriz areno-argilosa, de coloração castanha-escura, pouco compactos, pouco uniformes, com inclusão de blocos e calhaus, em granito, e fragmentos cerâmicos pré-históricos; uma terceira (UE 03), também de matriz areno-argilosa, castanha-escura, compacta e uniforme e uma última que se refere ao nível geológico (UE 04) (Dias, 2005: 26-27).

4.4. Estruturas

Após a escavação verificou-se que o montículo artificial teria contorno oval, com cerca de 12 metros, no sentido nordeste – sudoeste e 14 metros, no sentido noroeste – sudeste. Este apresentava uma couraça lítica superficial bem definida, apenas a este e a sudeste, estando, nas restantes áreas, muito perturbada. Esta finalizava com um anel lítico, mais ou menos bem definido, consoante as áreas. A norte, a espessura da couraça lítica era menor e o anel lítico que a circundava não era tão perceptível, provavelmente pelo facto de o terreno ser aplanado, nesta área. Já na área este-sudeste, com maior inclinação topográfica, houve um maior investimento na construção desta estrutura, pelo que aí se apresentava melhor

preservada e um anel lítico periférico bastante posante e edificado com blocos graníticos colocados na oblíqua, possibilitando, deste modo, a sustentação da própria couraça lítica, constituída por blocos graníticos de menor dimensão.

Nos quadrados B5, B6 e no que sobrou dos quadrados C5 e C6 (localizados no flanco nordeste, isto é, entre o anel lítico e a câmara funerária) observou-se um hiato de blocos pétreos (Fig. 4) tendo-se encontrado, apenas, a presença de calhaus graníticos que compunham a couraça lítica. Assim, desde logo levantou-se a hipótese de esta “clareira” poder corresponder a um átrio (Dias, 2005: 22). No entanto, a leitura da vala mecânica que aí afetou o monumento, não permitiu confirmar esta hipótese, podendo a dita “clareira” revelar apenas perturbações posteriores ao fecho do monumento.

A câmara funerária estava profundamente alterada por sucessivas violações (algumas delas para extração e reaproveitamento do granito, tal como os entalhes para colocação de cunhas de madeira observados em dois dos ortostatos, assim o evidenciam), ainda que a posição dos parques ortostatos detetados permitam levantar a hipótese de que o centro da câmara funerária estaria localizado, precisamente, na área afetada pela abertura da vala mecânica.

A localização e orientação de (quatro) ortostatos, *in situ*, embora todos fraturados, possibilita colocar a hipótese de que este monumento teria uma câmara de planta poligonal (Dias, 2005) (Fig. 5).

Os ortostatos foram numerados no sentido inverso dos ponteiros do relógio partindo do esteio que se encontrava mais a oeste. Esteio nº 1: 30 cm de altura, 50 cm de largura e 20 cm de espessura. Encontrava-se *in situ* e fraturado junto ao topo do alvéolo de implantação. Esteio nº 2: 76 cm de altura máxima, 91 cm de largura e 20 cm de espessura. Encontrava-se *in situ* mas fraturado a cerca de 30 cm do topo do alvéolo de implantação. Tinha fraturas intencionais revelando três entalhes para colocação de cunhas. Esteio nº 3: 222 cm de altura, 142 cm de largura e 10 cm de espessura. Encontrava-se *in situ* mas fraturado junto ao alvéolo de implantação. Também apresentava três entalhes para colocação de cunhas. Esteio nº 4: 90 cm de altura, 84 cm de largura e 24 cm de espessura. Encontrava-se *in situ*, mas fraturado junto ao alvéolo de implantação.

Foram, ainda, observados nas imediações do monumento megalítico, fruto da abertura da vala mecânica que mutilou o monumento, outros dois blocos

graníticos, de grandes dimensões que correspondem a possíveis ortostatos removidos da câmara funerária, embora não tenha sido possível identificar os seus alvéolos de implantação, durante a escavação arqueológica. Deste modo apenas foi possível registar as suas características gerais. Esteio nº 5: 104 cm de altura, 102 cm de largura e 31 cm de espessura. Tendo em consideração o método e orientação da escavação mecânica bem como o local da sua deposição poderia ter estado localizado junto do ortostato nº 4 (Dias, 2005: 24). Elemento do anel lítico/Esteio? nº 6: 86 cm altura, 106 cm de largura e 48 cm de espessura. Tampa nº 7: 254 cm altura, 140 cm de largura e 28 cm de espessura.

4.5. Espólio

O conjunto de espólio recolhido durante a intervenção foi localizado tridimensionalmente e catalogado, podendo a sua análise e registo ser revisitada e atualizada (Dias, 2005: 27-48, 60-89 e Dias, 2023, no prelo). Apresentam-se neste contexto apenas alguns dados genéricos sobre o mesmo. No entanto, pode dizer-se que foram encontrados fragmentos cerâmicos, artefactos líticos, objetos metálicos e carvões. Estes são oriundos, maioritariamente da UE 03.

Foram recolhidos 116 fragmentos de cerâmica pertencentes a diversos recipientes enquadráveis em tipologias e períodos cronológico-culturais distintos. São reconhecíveis fragmentos de cerâmica correspondentes a recipientes do período Neolítico, do Calcolítico (cerâmicas de tipo Penha e campaniformes), da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (Fig. 6).

Em termos dos artefactos líticos lascados, foram exumados 17 micrólitos geométricos, em sílex. Foram também exumadas uma lâmina e uma lamela, em sílex e 11 pontas de seta, 10 de base triangular e uma pedunculada. Estas foram feitas tanto em quartzo, como em xisto e em sílex.

Foram recolhidos, ainda, artefactos líticos polidos, nomeadamente três machados, um deles com contorno triangular e os restantes dois de contorno trapezoidal. Foram, ainda, recolhidas três contas de colar, em xisto, de forma discoide. Finalmente, foram detetados três fragmentos de moinhos manuais, em granito. Um deles era de um dormente e os restantes dois, de moventes.

Em cobre foi encontrada uma ponta de lança ou de seta de tipo Palmela.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A proximidade ao rio Neiva para a edificação do monumento da Boça da Mó 2 parece não ter ocorrido de forma aleatória, tanto mais que este monumento foi construído sobre uma colina que dominava o vale e o leito de inundação deste rio. Assim, mais uma vez se confirma que, durante o Neolítico do Noroeste de Portugal, se verificou a construção de diversos monumentos megalíticos quer em zonas de vale, quer em áreas de maior altitude, Tal como salientaram Bettencourt e Vilas Boas (2021), a propósito do Alto Minho, e Vilas Boas (no prelo).

Se partirmos do princípio que as comunidades que construíram este monumento³ viveriam perto, estas teriam possibilidades de combinar uma série de recursos fluviais, agrícolas, pastoris e cinegéticas, dada a proximidade do rio que proporciona água aos grupos humanos e animais, do vale fertilizado pelas inundações, dos montes onde existem lameiros e dos bosques. Esta proximidade ao local de vivência também se indicia pela descoberta de fragmentos de moinhos manuais (dormentes e moventes) encontrados no monumento.

A construção do monumento da Bouça da Mó 2 foi antecedida por uma queimada manifestada através de sedimentos castanho-escuros, compactos e com carvões (UE 03) cujas análises de antracologia e, posteriormente, de radiocarbono se irão processar.

A edificação do monumento, possivelmente de planta poligonal e de eventual corredor, tendo presente o contorno oval e as dimensões do montículo, ter-se-á verificado no Neolítico. O comprimento do esteio nº 3, de 222 cm permite colocar a hipótese de que o interior da câmara seria de altura considerável (mesmo tendo em conta que parte deste estaria fincado no solo) o que possibilitaria aos frequentadores deste espaço estarem de pé ou apenas, ligeiramente curvados, no seu interior.

A matéria-prima usada na construção da couraça pétreia e dos esteios é local pois o tipo de granito utilizado encontra-se nas imediações.

Se considerarmos a hipótese de Domingos Cruz (1992: 97-99), para o megalitismo da serra de Montemuro que defende que, na fase inicial deste fenómeno, as dimensões dos túmulos seriam de entre

3. Bem como ao monumento da Bouça da Mó 1, com características arquitetónicas que indiciam a sua cronologia no Neolítico.

12 a 14 metros, é possível que a Bouça da Mó 2, seja um monumento antigo, tanto mais que aí foi encontrado um conjunto significativo de micrólitos, o que segundo Cruz (1992:74-75), também se associa a momentos antigos no contexto deste fenómeno. No entanto, a existência de várias tipologias de pontas de seta aconselha prudência quanto à cronologia da sua construção, pois desconhece-se se seriam contemporâneas das primeiras utilizações ou de utilizações posteriores, ainda durante o Neolítico.

Outro dado curioso prende-se com a ocorrência de artefactos em sílex (micrólitos, lâminas/lamelas e pontas de seta) o que demonstra relações de intercâmbio supra-regionais, já que esta matéria-prima não ocorre no noroeste de Portugal.

Todavia o conjunto artefactual exumado permite afirmar que este monumento teve uma longa diacronia de utilização, levando em linha de conta os fragmentos de recipientes de tipo Penha e campaniformes aí registados. De salientar que, se os campaniformes são comumente depositados em monumentos megalíticos do Noroeste de Portugal (S. Jorge, 2002; Rebuge, 2004; Bettencourt, 2011; Basílio e Ramos, 2020) ou do vale do Douro (Tejedor-Rodríguez), já os recipientes de tipo Penha são mais incomuns, conhecendo-se poucos casos no Noroeste (como por exemplo, nas Mamoas de Cotogrande, em Vigo (Fábregas Valcarce & Vilaseco Vázquez), de Lordelo de Cima / Chafé, em Viana do Castelo⁴, das Motas 1, 5 e da Soalhosa 1, em Monção⁵), numa tendência que parece privilegiar os monumentos localizados em áreas de baixa altitude. Deste modo fica claro que, durante o período Calcolítico, este monumento terá sido visitado ou revisitado.

No fim do Calcolítico ou nos inícios da Idade do Bronze foi depositada uma ponta de cobre de tipo Palmela, na Bouça da Mó 2. Durante a Idade do Bronze novas reutilizações e/ou revisitações terão ocorrido neste monumento, tendo em consideração alguns fragmentos de cerâmica, como bases de fundo plano, podendo ter pertencido a vasos troncocónicos, pelo que resta dos seus perfis.

De destacar a deposição de recipientes cerâmicos da Idade do Ferro neste monumento, fenómeno muito pouco sistematizado, embora tal pareça ter ocorrido nas Motas 1, em Monção (Basílio e Ramos, 2012: 890).

4. Silva (1986).

5. Basílio e Ramos (2020).

Trata-se, pois, de uma construção Neolítica que foi significativa no tempo e no espaço por vários milhares de anos, tendo o monumento permanecido ativo e importante como marco espacial ao longo da história, quer pelo facto de ter topónimo, quer por, ainda hoje, o limite do distrito de Braga e de Viana do Castelo se encontrar nas suas imediações.

BIBLIOGRAFIA

BASÍLIO, Ana; RAMOS, Rui (2020) – Come together: O conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho. III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses: *Arqueologia em Portugal / 2020 – Estado da Questão*.

BETTENCOURT, Ana (2011) – El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologías y significados, in M. P. Prieto-Martínez & L. Salanova (eds.) *Las comunidades campaniformes en Galicia. Pontevedra: Diputación de Pontevedra*: 363-374.

BETTENCOURT, Ana; VILAS BOAS, Luciano (2019) – “Monumentos megalíticos do Alto Minho. Uma Paisagem milenar”, in A. Campelo (ed.), *Património Artístico e Cultural do Alto Minho. Uma Viagem no Tempo*. Viana do Castelo: Comunidade Intermunicipal do Alto Minho.

CRUZ, Domingos (1992) – *A mamoa 1 de Chã de Carvalho (Serra da Aboboreira)*. Universidade de Coimbra.

DIAS, Vítor (in press/no prelo) – A Necrópole da “Bouça da Mó 2”, Balugães, Barroselas. Da afetação à publicação. In Tarcísio Maciel (coord.) – *Cadernos do Neiva*, vol. 2. GEN Casa do Povo de Durrães. No prelo.

DIAS, Vítor (2005) – A Necrópole da “Bouça da Mó 2” (Balugães, Barroselas). Resultados da sondagem arqueológica. Da afetação e da escavação. Relatório final apresentado à Tutela.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramon; VILASECO VÁZQUEZ, Xosé (2012) – Usages et Rituels Funéraires dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique pendant le Néolithique Final et le Chalcilithique: Mégalithes et autres formes d'enterrements. La fin du Néolithique en Europe de l'Ouest, valeurs sociales et identitaires des dotations funéraires (3500-2000 av. J.-C.). Archives d'Ecologie Préhistorique. Volume 1, Toulouse.

JORGE, Susana (2002) – Na all-over corded Bell Beaker in Northern Portugal. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Coa): Some remarks. *Journal of Iberian Archaeology* 4: 107-129.

MAGALHÃES, Marisa (2016) – O Calcolítico e a Idade do Bronze na bacia do rio Neiva, NW de Portugal. Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado policopiada.

OLIVEIRA, M.; ALVES, Isabel (2011) – Morfologia e dinâmica fluvial do rio Neiva (NW de Portugal). *Estudos do Quaternário*, nº 7: 41-59.

REBUJE, João (2004) – Uma proposta para reconceptualizar a materialidade arqueológica: o Campaniforme no Norte de Portugal e regiões contíguas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 44: 111-186.

SILVA et Alii (1981) – A Necrópole do Bronze Inicial da Chã de Arefe, Durrães (Barcelos), *Arquivo do Alto Minho*, XXVI: 49-61.

SILVA, Eduardo (1986) – Escavação da Mamoa de Chafé – Viana do Castelo (notícia preliminar, *Arqueologia*, 13: 207-208.

TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. (1969) – Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 5-C. Lisboa.

TEJEDOR-RODRÍGUES, Cristina (2015) – La pervivencia de los “usos megalíticos” en el valle del Duero/Douro a lo largo de la Prehistoria reciente (IV-II milénio cal. BC). Una apro-

ximación al estudio en la región del Alto Douro. In *Arqueologia en el Valle del Duero. Del Neolítico a la Antigüedad tardía: nuevas perspectivas. Actas de las primeras jornadas de jóvenes investigadores del valle del Duero*: 33-40. Zamora.

VEIGA, S. (1891) – Antiguidades monumentais do Algarve. Imprensa Nacional. est. 2-27-29, est.4. 3.6. Lisboa, 38: s.n.

VILAS BOAS, Luciano – Neolithic funerary landscape and its impact on the long term: The case study of the Lima river basin, Northwest of Iberia Peninsula. In *Cambridge Scholar Publishing*. No Prelo.



Figura 1 – Localização do sítio arqueológico na Península Ibérica e em excerto da Carta Militar 55.

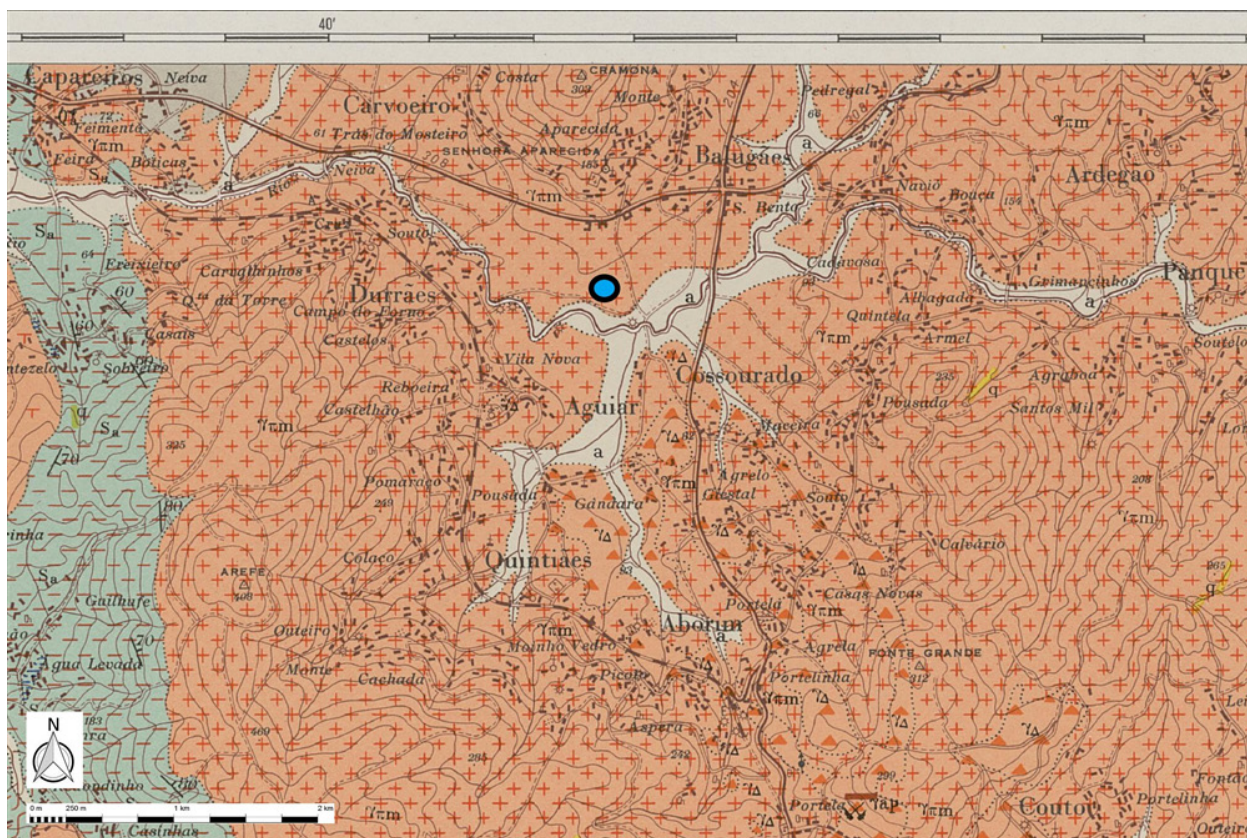


Figura 2 – Contexto geológico do monumento da Bouça da Mó 2, em excerto da Carta Geológica de Portugal, folha 5C.



Figura 3 – 1 – Marcação das quadriculas; 2 – Pormenor do flanco nordeste; 3 – Fase de escavação no flanco sudoeste; 4 – Fase de escavação no flanco sudoeste (Dias, 2005).



Figura 4 – Couraça lítica, vista de este, com área de “clareira” (Dias, 2005).



Figura 5 – Localização dos quatro ortóstatos. (Dias 2005).



Figura 6 – Cerâmica campaniforme à esquerda e cerâmica de tipo Penha ao centro e cerâmica da Idade do Bronze à direita (Vilas Boas, no prelo).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**